



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Marianne Oliveira Ternes

A Leste da Praça

*O projeto Centro Sapiens e as transformações do Centro
Histórico de Florianópolis*

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientadora: Prof^ª. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Florianópolis
Julho de 2016

Marianne Oliveira Ternes

A Leste da Praça
O projeto Centro Sapiens e as transformações do Centro Histórico de
Florianópolis

Relatório Técnico do Trabalho de
Conclusão de Curso apresentado à
disciplina de Projetos Experimentais
Orientadora: Prof^a. Rita de Cássia
Romeiro Paulino

Florianópolis
2016

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2016.1		
ALUNO	Marianne Oliveira Ternes		
TÍTULO	A Leste da Praça: O projeto Centro Sapiens e as transformações do Centro Histórico de Florianópolis		
ORIENTADORA	Rita de Cássia Romeiro Paulino		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Website	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Cidade, Centro Histórico, Gentrificação		
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma Grande Reportagem Multimídia que problematiza a implementação do “Centro Sapiens”, um projeto idealizado pelo Sapiens Parque junto com a Prefeitura de Florianópolis que pretende revitalizar a área leste do Centro Histórico da cidade por meio da economia criativa. Lançado em setembro de 2015, o “Centro Sapiens” já inaugurou um espaço de <i>coworking</i> e planeja criar uma incubadora de empresas e dar isenção do IPTU para <i>startups</i> que se instalarem na região. Também estão vinculadas ao projeto a restauração do Museu Victor Meirelles e da Casa de Câmara e Cadeia e obras de melhoria da estrutura urbana, entre outras medidas de incentivo ao turismo e comércio local. Utilizando textos, fotografias, vídeos e infográficos, a reportagem trata de: 1) apresentar o contexto econômico no qual o projeto está inserido; 2) fazer um resgate da história urbana da região; 3) discutir as possíveis transformações do espaço público geradas a partir do “Centro Sapiens”, tendo como norte os conceitos de gentrificação.</p>		

À Ioli

AGRADECIMENTOS

A melhor parte desse trabalho foi receber diariamente o amor, o apoio e broncas das pessoas queridas. Agradeço, então: à Ioli, pela dedicação, paciência, força e companhia nas madrugadas. À Meriê, pelo entusiasmo e apoio incondicional. Ao Jair, por sempre adoçar e alegrar essa vida. À Ketryn, pela parceria desde o início até o último minuto desse curso – e por tanta ajuda que nem cabe aqui. À Patricia, por me lembrar de ter calma e deixar tudo mais leve. À Ana Rosa, pela zoeira sem julgamento. À Camila, pela preocupação e abraços esmagadores. À Mari Rosa, pelos papos sobre a pauta e as conexões mágicas. Ao Galeno, por contribuir para tirar esse trabalho do papel e pela troca de ideia. À Rita, pela orientação, incentivo e confiança.

"Numa cidade, presente passado e possível são indissociáveis"

Henry Lefebvre

SUMÁRIO

1 RESUMO	15
2 APRESENTAÇÃO	17
2.1 O CENTRO SAPIENS	17
2.2 A GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA	22
3 JUSTIFICATIVAS	25
4 PROCESSO DE PRODUÇÃO	27
4.1 PLANEJAMENTO E PRÉ-APURAÇÃO	27
4.2 APURAÇÃO	29
4.2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS FONTES	30
4.3 REDAÇÃO	31
4.4 PLATAFORMA DE PUBLICAÇÃO WEB	32
4.5 INTERFACE E ELEMENTOS MULTIMÍDIA	33
5 RECURSOS	41
6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS	42
7 REFERÊNCIAS	44

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma Grande Reportagem Multimídia que problematiza a implementação do “Centro Sapiens”, um projeto idealizado pelo Sapiens Parque junto com a Prefeitura de Florianópolis que pretende revitalizar a área leste do Centro Histórico da cidade por meio da economia criativa. Lançado em setembro de 2015, o “Centro Sapiens” já inaugurou um espaço de *coworking* e planeja criar uma incubadora de empresas e dar isenção do IPTU para *startups* que se instalarem na região. Também estão vinculadas ao projeto a restauração do Museu Victor Meirelles e da Casa de Câmara e Cadeia e obras de melhoria da estrutura urbana, entre outras medidas de incentivo ao turismo e comércio local. Utilizando textos, fotografias, vídeos e infográficos, a reportagem trata de: 1) apresentar o contexto econômico no qual o projeto está inserido; 2) fazer um resgate da história urbana da região; 3) discutir as possíveis transformações do espaço público geradas a partir do “Centro Sapiens”, tendo como norte os conceitos de gentrificação.

Palavras-chave: grande reportagem multimídia, Centro Sapiens, centro histórico de Florianópolis, gentrificação.

2 APRESENTAÇÃO

2.1 O Centro Sapiens

O Centro Sapiens é um projeto de revitalização da área leste do Centro Histórico de Florianópolis por meio da Economia Criativa. Idealizado pelo Sapiens Parque em conjunto com a Prefeitura Municipal, conta também com a parceria de diversas instituições públicas e privadas. O projeto pretende transformar a região em um polo de inovação e empreendedorismo na cidade, gerando um ambiente propício para o desenvolvimento de novos negócios – com foco inicial nas *startups*. Para isso, prevê uma série de ações que incluem a criação de *coworkings* e incubadoras, incentivos fiscais para as novas empresas se instalarem na área, melhorias na estrutura urbana, restauração de prédios históricos e promoção de atividades permanentes que intensifiquem a circulação de pessoas.

O projeto foi lançado oficialmente em 14 de setembro de 2015, quando o prefeito César Souza Júnior e representantes das entidades envolvidas assinaram o protocolo de intenção de colaborar com a iniciativa. Além do Sapiens Parque e da prefeitura de Florianópolis, participam:

- as Secretarias Municipais de Turismo, de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico Sustentável, de Desenvolvimento Urbano e de Obras, e o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuaf);
- o Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina (Codesc), das Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. (Celesc), da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (Casan); da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico e Sustentável;
- a Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), a Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e o Instituto Federal de Santa Catarina (Ifsc);
- a Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras (Certi), a Federação das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc/Senai), o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (Sebrae-SC), a Federação

do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Santa Catarina (Fecomércio), a Câmara de Dirigentes Logistas de Florianópolis (CDL), a Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate), a Associação FloriAmanhã, o Santa Catarina Moda e Cultura (SCMC), o Sindicato da Indústria Audiovisual de Santa Catarina (Santacine) e o Fórum de Turismo de Florianópolis (Fortur).

Estão reunidos em prol do Centro Sapiens, portanto, não só o poder público – responsável principalmente por viabilizar as obras necessárias à revitalização e criar dispositivos legais que favoreçam a implementação das empresas na região -, como também instituições privadas e organizações da sociedade civil – todas ativamente envolvidas e interessadas no desenvolvimento econômico da capital catarinense -, e ainda instituições públicas de ensino.

Esse investimento é justificado pela necessidade de “revitalizar” e “humanizar” a cidade, para que os espaços se tornem mais acessíveis, agradáveis e seguros, a fim proporcionar maior qualidade de vida aos cidadãos e visitantes. Utiliza-se como argumento, ainda, o retorno econômico que a requalificação dessa área representa, tanto pelo incentivo às novas empresas quanto por conta do aumento de circulação de pessoas, beneficiando o comércio e o turismo da cidade.

O Centro Sapiens surge em um contexto onde várias obras de revitalização ocorrem no Centro Histórico de Florianópolis. A primeira delas foi a requalificação da Rua Vidal Ramos, ideia que surgiu em 2008 por demanda dos lojistas dessa rua:

Eles sentiam que o comércio da região do Centro Histórico de Florianópolis estava enfraquecido e a região esquecida e abandonada. Atribuíram esse abandono à transferência do consumo das pessoas ao shopping, também percebendo que os turistas acabavam visitando o Mercado Público de Florianópolis e seu entorno próximo em outro núcleo da região central da cidade, deixando assim de passar pela Vidal Ramos, diminuindo a quantidade de consumidores na referida rua. (RANGEL, 2015, p. 59).

Para viabilizar o projeto, foi firmada uma parceria público-privada entre a Acif, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (Sebrae-SC) e a Prefeitura Municipal, por meio do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF). A reforma

incluiu a repavimentação da rua e a alteração do limite de velocidade máxima permitida para carros para 20 km/h, a melhoria na sinalização, calçamentos, iluminação e esgotos, a padronização das placas das lojas e instalação de bancos e floreiras, entre outras medidas. O resultado foi chamado de *Open Shopping Vidal Ramos* e inaugurado em 15 de março de 2012.

Considerada um sucesso por seus idealizadores, a readequação da rua Vidal Ramos impulsionou, de certa forma, outras iniciativas no mesmo sentido. Uma das mais representativas é a feira “Viva a Cidade”, que reúne comerciantes de artesanatos e antiguidades, brechós, móveis usados, sebos e *food trucks* aos sábados nas ruas que compõem a área leste do Centro Histórico, situadas entre a Avenida Hercílio Luz e a Praça XV de Novembro: Saldanha Marinho, Nunes Machado, Travessa Ratcliff, Antônio Luz, João Pinto, Tiradentes e Victor Meirelles. Apesar de ter sido criada pela CDL em 2011, a feira se consolidou e ganhou força a partir de uma parceria firmada com a Prefeitura de Florianópolis em julho 2013.

Embora não tenha promovido renovações na estrutura urbana dessa área, a “Viva a Cidade” ganhou destaque por recuperar o fluxo de pessoas e valorizar o comércio local, que estavam prejudicados desde que as operações das linhas de ônibus foram transferidas do Terminal Cidade de Florianópolis para o Terminal de Integração do Centro, próximo ao Mercado Público, quando foi implantado o Sistema Integrado de Transporte em 2003. Assim, como identificam Pertile e Vieira (2015, p. 5), nas justificativas para a realização da feira “surgem afirmações com interesse de ‘preservar e revitalizar’ o local, gerando renda, trabalho e incentivo na participação dos moradores em atividades vinculadas a sociabilidade, principalmente nos finais de semana.”

Também em 2013 iniciou-se a reforma do Mercado Público de Florianópolis, um dos patrimônios históricos mais importantes da cidade – a primeira ala foi construída em 1899 –, que concentra uma atividade comercial intensa e é um dos principais pontos turísticos da Ilha. Por conta disso, o argumento de colaborar para esses setores da economia é o mais utilizado para defender os investimentos, mas também se repetem as justificativas de humanização, revitalização e valorização da cultura local. O prédio foi, pela primeira vez, totalmente restaurado e foi realizada uma nova licitação para a ocupação dos boxes, o que gerou uma mudança nos serviços oferecidos no local. As obras foram concluídas em agosto de 2015.

Ao longo deste mesmo ano surgiram diversas propostas com a mesma intenção de “revitalizar” diferentes áreas do Centro Histórico: a

requalificação do Largo da Alfândega, das ruas Conselheiro Mafra e Jerônimo Coelho, a restauração da Casa de Câmara e Cadeia para sediar o Museu de Florianópolis, a reforma do casarão do Museu Victor Meirelles e a implantação do projeto “Centro Sapiens” na área leste.

Na ocasião do lançamento do projeto, a Prefeitura de Florianópolis (2015) destacou em seu site os motivos da escolha da área leste do Centro Histórico para o investimento a “integração com os meios de transporte público presentes na região, o comércio local, a gastronomia, a moda”, e cita como referências as reformas da rua Vidal Ramos e do Mercado Público. O mesmo se repete no discurso feito pelo prefeito:

A área leste estava degradada física e economicamente, assim como em outros grandes centros do Brasil. Com o Centro Sapiens, e até mesmo antes dele, começamos a ouvir a cidade. Os comerciantes já perceberam mudanças com a implementação do Viva a Cidade, com a reabertura do novo Mercado Público, e agora estamos a um passo de entregar o Museu de Florianópolis, na antiga Casa de Câmara e Cadeia, além de revitalizar o Museu Victor Meirelles. Mas não adianta mexer na infraestrutura local se não modificarmos e dinamizarmos a economia do ambiente. Por isso, precisamos incentivar esta economia criativa, tecnológica, a se instalar na região, dando vigor e vida ao Centro (SOUZA JÚNIOR, 2015)¹

Desta forma, podemos notar que, além de se apoiar nas experiências anteriores e utilizar as mesmas justificativas para a implantação do projeto, o “Centro Sapiens” também aponta o incentivo à economia criativa como um benefício importante para a região – e este aparece como um diferencial da iniciativa.

As “revitalizações” realizadas no Centro Histórico não são uma especificidade de Florianópolis. Esse processo de reforma urbana ocorre em diversas cidades do mundo e do Brasil. O próprio projeto “Centro Sapiens” não se apresenta como novidade e é inspirado em intervenções urbanas feitas em bairros de São Francisco, na Califórnia, em Austin, no Texas, ambas cidades dos Estados Unidos, e de Barcelona, na Espanha, onde áreas previamente degradadas foram recuperadas para abrigar projetos voltados à tecnologia e economia criativa.

¹

Documento eletrônico não paginado.

Esses processos possuem semelhanças no modo como se operam e vêm acompanhados por problemas como exclusão social, especulação imobiliária e apropriação do espaço público para atender a interesses privados. Para explicar esse fenômeno, o conceito de “gentrificação”, cunhado pela socióloga britânica Ruth Glass em 1964, é um dos mais aplicados atualmente.

Inicialmente, o termo gentrificação estava mais relacionado à especulação imobiliária e ao deslocamento da população pobre dos centros urbanos para dar lugar à nova classe média. A partir do pensamento do geógrafo escocês Neil Smith, fortemente influenciado por David Harvey, a gentrificação é colocada como uma estratégia da capital, e o processo passa a ser considerado um movimento que parte deste, e não dos indivíduos:

Para Smith, o processo – como analisado pioneiramente por Ruth Glass, em Londres e outras cidades britânicas, na década de 1960 – pode ter surgido por iniciativa de (ou seja, seguindo a demanda de) profissionais liberais em busca de mais centralidade e outros atributos urbanos, como cultura e arte, aqui incluindo acesso e proximidade a restaurantes, cafés, bares, teatros, galerias, salas de espetáculos, bibliotecas, museus, espaços públicos seguros e animados, praças, jardins, etc. Porém, já na década de 1970, tal prática foi apropriada pelos capitais de base imobiliária e, na década de 1990, passou a ser uma prática generalizada, de larga escala e global. O Estado é também chamado a contribuir, tanto por demanda dos capitalistas promotores imobiliários, quanto dos residentes nos bairros renovados ou em processo. (VALENÇA, 1999, p. 303)

Levando isso em conta, alguns olhares já começam a se voltar para as transformações em andamento no Centro Histórico de Florianópolis, a fim de analisar como se desenvolveram e identificar a ocorrência ou não de um processo de gentrificação nessa área. Para Pertile e Vieira (2015, p. 8) no caso da feira “Viva a Cidade”, “a proposta de revitalização pode estar desvinculada, diretamente, do interesse da população que faz uso permanente do local, resultando em processos graduais de gentrificação”. O início desse processo, no entanto, não está na implantação do projeto, mas:

[...] acontece desde a retirada do terminal de transporte coletivo e de outros equipamentos referenciais, passando pela retórica de avaliação conveniente sobre a área de interesse e expondo a degradação do Centro Histórico como condição espontânea do acaso. Com isso, justifica-se a necessidade de intervenção para melhorar a qualidade de uso desta área, sem garantir a oferta de investimento material para promover melhorias de urbanidade e agregar valor ao contexto de domínio público. (PERTILE; VIEIRA, 2015, p. 9)

Observando a especificidade do “Viva a Cidade”, que “utiliza instrumentos efêmeros e sutis para o processo de transformação urbana”, Pertile e Vieira (2015) acreditam que o “Centro Sapiens” seria uma etapa subsequente nesse processo.

2.2 A Grande Reportagem Multimídia

A Grande Reportagem Multimídia (GRM), formato escolhido para este trabalho, tem se consolidado cada vez mais no jornalismo digital, principalmente por permitir a construção de narrativas mais aprofundadas e envolventes, a partir do uso de recursos multimidiáticos como vídeos, fotos, áudios, ilustrações e infográficos. Longhi (2014, p. 901) define a GRM como um dos

[...] formatos noticiosos hipermediáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação.

Para o desenvolvimento desse tipo de reportagem, a tecnologia mais difundida hoje é chamada “*parallax*” – um ambiente de navegação vertical, que permite a integração dos conteúdos multimídia de forma simples e intuitiva. Esse modelo ganhou força a partir de 2012, quando o New York Times publicou a reportagem “Snow Fall: The Avalanche at Tunnel Creek” e “recebeu cerca de 2,9 milhões de visitas na primeira semana, com períodos em que 22 mil utilizadores acederam simultaneamente à reportagem” (CANAVILHAS, 2014, p. 3)

O sucesso dessa reportagem marca o que Longhi (2014) chama de “*turning point*” da GRM, uma nova fase da exploração das possibilidades da linguagem hipermídia. A autora traça uma cronologia dos produtos jornalísticos multimidiáticos, de acordo com os *softwares* e técnicas utilizadas, dividida em quatro fases: 1) de 1995 a 1998, quando há pouca ou nenhuma utilização de uso de recursos multimídia; 2) de 1999 a 2000, quando surgem os primeiros produtos multimídia que utilizam o *software Flash*, embora ainda de forma tímida, e HTML. Nessa fase, é destacado o uso de *slide-shows* noticiosos; 3) de 2002 a 2009, quando surgem os “especiais multimídia” feitos em *Flash* e 4) de 2011 em diante, quando emerge a GRM, utilizando HTML5 e o formato “*parallax*”.

A mudança do *software* ou linguagem é significativa, uma vez que acarreta transformações na interface e nos usos dos recursos multimídia e modifica a experiência dos usuários – ou leitores. Enquanto nos especiais multimídia os elementos eram colocados em uma mesma janela e “a interface, em geral, apresentava possibilidades de navegação e leitura através de menus verticais. Assim como os demais elementos, o texto aparecia em blocos acessáveis a partir do menu”, na GRM a janela é “substituída pelo que definimos como “*scrolling*”, ou seja, recurso que permite a leitura e navegação através da barra lateral na página, perfazendo uma leitura mais verticalizada” (LONGHI, 2014, p. 909). Outra importante mudança possibilitada pelo uso do HTML5 é o chamado design responsivo, que se adapta automaticamente às telas dos dispositivos móveis, como *tablets* e *smartphones*.

Por fim, a GRM também representa uma renovação das narrativas jornalísticas na Internet, pois possibilita uma navegação e leitura mais imersiva e permite que os textos sejam maiores - grandes reportagens que atingem entre 10 e 20 mil palavras - e mais densos. Essas narrativas se consolidaram a partir da “*Snow Fall*”, ficaram conhecidas como jornalismo *long-form*, e são, hoje, uma das apostas do jornalismo na Internet.

3 JUSTIFICATIVAS

A opção pela Grande Reportagem Multimídia se deu pelo desejo de aprofundar os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de *Webdesign* aplicado ao Jornalismo e em cursos livres realizados fora da universidade, principalmente o desenvolvimento de sites em *Wordpress*, *HTML5* e *CSS3*. Vimos a oportunidade de aplicar essas habilidades de forma mais direcionada à prática jornalística e estudar as possibilidades que apresentam para a construção de narrativas para *web*. Como este é um formato novo, ainda está muito aberto para experimentação, e esse é também um dos motivos para essa escolha.

Grande Reportagem Multimídia é hoje uma das maiores apostas do jornalismo na internet e, embora existam alguns caminhos traçados, ainda não há – e provavelmente nunca haverá – um modo definitivo para produzi-la. A infinidade de alternativas, tanto em termos técnicos quanto de construção de narrativas, e a constante evolução das ferramentas e linguagens utilizadas no meio digital são alguns dos motivos para isso. Há, portanto, espaço para explorar, experimentar e apresentar outras formas de fazer.

Em relação ao tema da reportagem, acreditamos que possui forte relevância social, uma vez que diz respeito à utilização de um espaço público, uma área importante da cidade, e que envolve altos investimentos públicos. Apesar de ser bastante divulgado pela prefeitura, pelos órgãos envolvidos e pelos meios de comunicação locais, percebemos que raramente se problematiza a implantação do “Centro Sapiens”, e as notícias se limitam a reproduzir as justificativas já apresentadas aqui anteriormente. Assim, acreditamos que este trabalho é necessário pois pode colaborar para a discussão e reflexão dessa e das demais transformações que se operam na cidade.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1 Planejamento e pré-apuração

A falta de experiência na produção de uma Grande Reportagem Multimídia e a diversidade de aspectos a serem abordados no tema escolhido fizeram com que o planejamento e a pré-apuração durassem mais tempo do que o planejado.

A pré-apuração iniciou no segundo semestre de 2015, quando cursei a disciplina de Técnicas de Projetos e tive o primeiro contato com o tema. O Centro Sapiens foi lançado em 14 de setembro, e só a partir daí comecei a pesquisar as origens e objetivos da revitalização. Isso foi feito, em um primeiro momento, pesquisando e acompanhando notícias publicadas na mídia local sobre o projeto, sobre o Sapiens Parque e sobre outros planos de revitalização para a cidade.

Esse trabalho foi bastante facilitado pela Associação FloripAmanhã, uma das parceiras do Centro Sapiens, que mantém disponível em seu site um *clipping* atualizado de notícias sobre essas iniciativas em Florianópolis. Por meio dele, pude fazer um resgate de todo o processo de desenvolvimento do projeto de revitalização e entender quem eram os seus principais agentes – o que ajudou a identificar aspectos da reportagem que eu deveria abordar e a mapear fontes que eu poderia entrevistar.

Para problematizar o tema, fui em busca de artigos acadêmicos. As revitalizações de centros históricos e a gentrificação são assuntos amplamente estudados em diversas áreas: geografia, arquitetura, sociologia e antropologia entre elas. Se por um lado isso é positivo, por outro o volume de material, especificidades de cada localidade e variedade de abordagens dificultam.

Recorri a amigos que estudam essas áreas para encontrar materiais que tratassem do caso específico de Florianópolis. A partir dessas indicações, comecei a entender a evolução do desenvolvimento urbano e conheci a história do centro da cidade. Apesar disso, não sabia como abordar a questão da gentrificação, uma vez que o projeto do Centro Sapiens ainda não se concretizou totalmente.

Já em março de 2016, descobri que um amigo, graduado em geografia e mestre em arquitetura, pretendia justamente fazer um projeto de doutorado sobre o Centro Sapiens. Marquei uma “entrevista” com ele e, a partir da nossa conversa, consegui entender melhor o processo de gentrificação e definir o caminho para problematizar a reportagem. Além disso, foi ele quem me indicou algumas fontes do trabalho.

A pré-apuração foi um processo bastante longo, mas essencial. A minha preocupação era conseguir reunir o máximo de material e referências – inclusive reportagens - sobre o assunto antes de partir para a apuração. Isso porque, diferentemente de uma reportagem para o impresso, a reportagem multimídia exige um planejamento maior dos recursos que serão utilizados – e de como eles irão compor a narrativa.

O planejamento foi sendo feito paralelamente à pré-apuração. Procurei na internet materiais de referência sobre a produção de reportagens multimídia que pudessem me dar um norte. Encontrei um curso *online* gratuito da Poynter News University, chamado “*Five Steps to Multimedia Storytelling*”. Apesar de ser um material antigo, o curso me deu uma maior clareza das etapas de produção e foi importante para definir a estrutura narrativa da reportagem e do site, além do tipo de material que eu deveria coletar na apuração.

Minha ideia inicial era fazer um site no estilo do UOL TAB – um *one page*, sem links internos ou menu. À medida que fui definindo como iria abordar o tema e quais aspectos seriam tratados, percebi que esse modelo não seria possível, pois a minha reportagem precisava de mais de um eixo narrativo.

Foi pesquisando referências de reportagens multimídia que encontrei o modelo que serviu de base e inspiração para a estrutura do site: a reportagem “Rota 66: uma confissão”, produzida pelo Estadão. Seguindo esse modelo, resolvi dividir o site em uma página de abertura e três páginas internas, cada uma abordando um aspecto diferente e pensada individualmente, embora interligadas: a abertura fazendo um panorama geral, uma parte dando o contexto econômico, outra parte apresentando o projeto de revitalização e uma última de problematização.

Com isso definido, ficou mais fácil identificar o que eu precisaria buscar na hora da apuração para compor a narrativa. Os elementos multimídia deveriam contextualizar e aprofundar partes da história. Nesse sentido, a principal decisão foi em relação às entrevistas em vídeo, pela dificuldade de produzir esse material sozinha. Planejei três vídeos: 1) uma apresentação do Cocreation Lab, 2) um “passeio” pela região no sábado, quando ocorre a Feira Viva a Cidade e 3) um contraponto ao projeto de revitalização.

Nesse momento também identifiquei quais equipamentos seriam necessários. Como restava pouco tempo para a apuração e a logística de empréstimo dos equipamentos do curso seria complicada – eu teria que me deslocar da minha casa, no continente, até a UFSC e depois partir para o local das entrevistas, a maioria no centro - optei por utilizar

equipamentos próprios. Eu já possuía uma câmera NIKON D3200, mas faltavam um tripé e um microfone. O primeiro consegui emprestado, o segundo comprei. Assim, tive mais liberdade e agilizei o processo de gravação das entrevistas.

4.2 Apuração

Partir para a apuração com muita informação em mãos, conhecendo bem o projeto e sabendo o que queria abordar. Comecei indo para a rua observar como é a dinâmica da região, o que ajudou principalmente a escrever a abertura da reportagem e a identificar elementos que ajudassem a caracterizar o processo de gentrificação.

Depois, entrevistei o coordenador do Centro Sapiens, Luiz Salomão Ribas Gomez, para entender melhor como estava o andamento do projeto. Aí, descobri que pouca coisa havia sido concretizada até então. Isso foi um problema durante a apuração: as fontes foram aparecendo conforme as coisas iam se concretizando.

O resultado da seleção dos projetos que integrariam o Ccreation Lab, por exemplo, só saíram em junho e o *coworking* foi inaugurado na metade do mês. Ter os equipamentos em mãos foi providencial para realizar essas entrevistas, pois os projetos trabalham em horários variados, cada um de acordo com a própria agenda, dificultando o encontro. Ainda assim, não consegui gravar as três entrevistas com participantes do *coworking* que eu havia planejado – uma delas cancelou e não respondeu minha solicitação para remarcar.

O mesmo ocorreu em relação às fontes da problematização, que só começaram a tomar conhecimento sobre o Centro Sapiens e se mobilizar no mês de junho, a partir dos encontros organizados na Ocupa MinC SC. Foi indo em rodas de conversa sobre as revitalizações no centro que obtive contato com as pessoas que questionam o projeto. Ali, consegui a entrevista com a integrante do Coletivo Ocupa Obarco e os bolsistas do Ateliê Modelo de Arquitetura da UFSC - estes, embora não apareçam na reportagem, me ajudaram a identificar outros problemas da revitalização.

Dois entrevistas planejadas não foram possíveis. A primeira com o arquiteto e urbanista Lino Peres, que atualmente é vereador de Florianópolis e possui uma agenda lotada. Enquanto tentava o contato com ele, surgiu a oportunidade de entrevistar via Skype o professor Elson Pereira – que eu havia deixado como segunda opção, pois ele estava morando em Coimbra, Portugal. A segunda foi com o diretor executivo do Sapiens Parque José Eduardo Fiates. O objetivo da

entrevista era tratar do contexto do desenvolvimento econômico de Florianópolis e do Sapiens Parque. Como não houve disponibilidade da fonte, acabei fundamentando essa parte na entrevista com o coordenador do Centro Sapiens e do Secretário Municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Sustentável.

Também recolhi dados recentes sobre o ecossistema empreendedor da cidade no Índice Cidades Empreendedoras Endeavor 2015, no ACATE Tech Report 2015 e no Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil 2014, da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN).

Exceto pela entrevista com o professor Elson Pereira, todas foram realizadas pessoalmente.

4.2.1 Caracterização das fontes

- **Luiz Salomão Ribas Gomez** – coordenador do Centro Sapiens e do Laboratório de Orientação da Gênese Organizacional – LOGO da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Conta a idealização do projeto de revitalização Centro Sapiens e como está sendo implementado. Também fala da economia criativa e inovação.
- **Elson Manoel Pereira** – pós-doutor em planejamento urbano, é professor do curso de Geografia da UFSC. Explica como ocorreu o desenvolvimento urbano de Florianópolis e o processo de esvaziamento e abandono do Centro Histórico. Também fala dos projetos de revitalização e gentrificação, apontando políticas que poderiam ser aplicadas para evitar a exclusão no espaço público.
- **Marcelo José de Melo** – atual secretário municipal de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico Sustentável. Fala sobre o projeto Floripa Cidade Inteligente e como a prefeitura busca usar a tecnologia nos serviços do município para promover o desenvolvimento econômico e maior qualidade de vida.
- **Noa Cykman** – mestranda em Sociologia Política na UFSC, é idealizadora do Coletivo Ocupa Obarco, que propõe a ocupação de imóveis abandonados para abrigar projetos com viés social. Apresenta o a iniciativa e discute como o Centro Sapiens poderia incluir a comunidade no projeto de revitalização e, assim, evitar a gentrificação.

- **Fran Rudolfo e Karla Pinto da Luz** - Idealizadoras do projeto Combo, uma incubadora de moda, aprovado no primeiro edital do Cocreation Lab. Contam como surgiu a ideia e como o espaço irá ajudar a desenvolvê-la. Fran também é proprietária da loja Le Petit Marché, localizada na rua Tiradentes, e fala da perspectiva de uma comerciante sobre o projeto de revitalização.
- **Tálita Bitencourt e Juliana Reitz** – Idealizadoras do projeto CéOS, outro aprovado no Cocreation Lab. Contam como desenvolveram um material pedagógico inclusivo e como o espaço de *coworkig* está ajudando a colocar o produto no mercado.
- **Fábio Roberto** – organizador da Feira Viva a Cidade. Explica como funciona a feira, dá impressões sobre as mudanças que ela provocou na movimentação do comércio local. Indica qual é a perspectiva para o futuro e como se integra com o projeto de revitalização.

4.3 Redação

Levando em conta as características das reportagens para a internet, havia três preocupações centrais para compor o texto: que ele fosse leve e de fácil leitura, que os recursos multimídia fossem integrados como um elemento de contextualização e que as partes fossem independentes, mas se interligassem para, no fim, o leitor conseguir ter uma compreensão global do tema. Por isso, optei por começar a redação apenas quando todo o material de apuração estivesse reunido. Isso atrasou ainda mais o cronograma, mas no fim se mostrou uma boa escolha, pois consegui determinar melhor quais informações estariam em cada parte e como elas se complementariam. No total, a reportagem possui 26.688 caracteres com espaços, divididos em quatro partes:

- **Abertura** – O objetivo é atrair a atenção e dar um panorama geral do que será tratado na reportagem, além de ambientar o leitor. A ideia partiu da observação do espaço como um lugar de passagem, onde as pessoas mais transitam do que permanecem. Total de caracteres com espaços: 2.201.

- **Capital Inovadora** – É a contextualização do desenvolvimento econômico da cidade. A composição desse texto foi a mais difícil, uma vez que está basicamente fundamentada em dados. Para dar equilíbrio e torná-lo mais atrativo, parti da história e impressões do coordenador do Centro Sapiens sobre o projeto, o que depois ajudou a dar seguimento à reportagem. Total de caracteres com espaços: 9.562.
- **Centro Criativo** – Essa parte é dedicada a apresentar a proposta do Centro Sapiens e como ela está se desenvolvendo. Como o *Cocreation Lab* é a única coisa concretizada até agora, o foco foi tratar do trabalho que está sendo desenvolvido lá. As entrevistas em vídeo complementam a explicação do coordenador e mostram a cara dos projetos selecionados. No fim, trato da contribuição para a região, levando para a parte seguinte. Total de caracteres com espaços: 5.688.
- **Para quem?** – Aqui é apresentada a questão da gentrificação e são apontadas as críticas e soluções que poderiam ser adotadas para evitar que o processo ocorra. Partindo da analogia da disputa pelo termo gentrificação com a disputa pelo espaço urbano, foi mais fácil apresentar o contraste das visões. O resgate histórico da região foi necessário para explicar a dinâmica do processo. Total de caracteres com espaços: 9.229.

4.4 Plataforma de publicação *web*

Hoje não faltam plataformas na *web* para construir narrativas multimídia: *Medium*, *ReadyMag*, *Atavist*, para citar os exemplos mais conhecidos, fazem sucesso pela facilidade de integrar recursos como fotos, vídeos e interatividade, características essenciais do meio *online*. A ideia desses serviços é liberar o autor da preocupação com o design e a programação – e, justamente por isso, elas possuem algumas limitações, cada uma a seu jeito. O usuário precisa se adaptar a essas limitações e estar familiarizado com a plataforma para conseguir tirar o maior proveito delas, o que não era o meu caso.

Desde o início da graduação, tive maior contato com o *Wordpress*, o sistema de gerenciamento de conteúdo (CMS) mais utilizado no mundo. A partir das aulas de *Webdesign aplicado ao jornalismo* e de cursos que realizei fora, desenvolvi conhecimentos de HTML e CSS que permitiram que eu ganhasse domínio dessa

plataforma. Assim, além de ter mais liberdade para desenvolver o site, esse era o sistema que eu estava mais familiarizada, motivo pelo qual ele foi escolhido para a produção desse trabalho.

Conhecendo minhas próprias limitações em relação à programação, a preocupação inicial era encontrar um *template* que permitisse formatar o conteúdo e a integrar os elementos multimídia da reportagem com maior facilidade. Por indicação da orientadora, optei por utilizar o *template* Novella junto ao *plugin* Aesop Story Engine, que instala no Wordpress funcionalidades pensadas especificamente para a construção de narrativas *long-form*.

O mesmo *template* e *plugin* haviam sido utilizados pelo colega Galeno Lima na reportagem “Pacto Pela Vida – Pernambuco contra a violência”, produzida como Trabalho de Conclusão de Curso, o que me facilitou o acesso e compreensão dessa ferramenta. Durante a fase de planejamento, explorei e testei todas as funcionalidades do *plugin* para identificar quais eu iria utilizar e qual a melhor forma de aplicá-las. Esse trabalho também foi importante para mapear previamente os erros – bastante comuns em *plugins* do *Wordpress*, por conta das atualizações contínuas, choques de código ou mesmo por descuidos de programação. Assim, consegui esboçar uma estrutura e evitei surpresas na hora de montar o site.

4.5 Interface e elementos multimídia

A reportagem foi publicada no endereço <http://tcc.marianneternes.com.br>, como não há garantia de que ficará no ar por tempo indeterminado, ficam aqui registrados elementos da interface e recursos multimídia utilizados. O material bruto reunido consistiu em 2h30min de entrevistas gravadas em vídeo, 3h de entrevistas em áudio e cerca de 180 fotos - 30 delas do acervo da Casa da Memória de Florianópolis.

O *plugin* Aesop Story Engine oferece a opção de incluir 13 tipos de recursos: fotos, personagem, citação, conteúdo, capítulo, *parallax*, áudio, vídeo, mapa, *timeline*, documento, coleção e galeria. Fora aqueles que considerei que não contribuíam para a reportagem, dois deles não pude utilizar porque estavam com erros: o mapa e o conteúdo (que insere um *box* adjacente ao texto). A *timeline* também não foi utilizada pois, por padrão, não era inserida no corpo do texto, mas ao fim da página. No fim, utilizei seis dos recursos para a edição da reportagem.

- **Galeria**

Permite agrupar fotos. Foi utilizado quando havia mais de uma imagem para complementar ou contextualizar o texto, o que ocorreu em dois momentos: na Abertura e na parte “Para quem?”. Busquei seguir o padrão de três fotos para manter uma unidade visual. Além disso, a galeria funciona como um elemento divisório para evitar grandes blocos de texto.

Figura 1: Galeria de imagem



- **Coleção**

Serve para agrupar links de páginas do site. Foi utilizado apenas uma vez, como solução para a navegação. Aparece ao fim da Abertura, convidando o usuário continuar a leitura, apresentando visualmente todas as partes da reportagem.

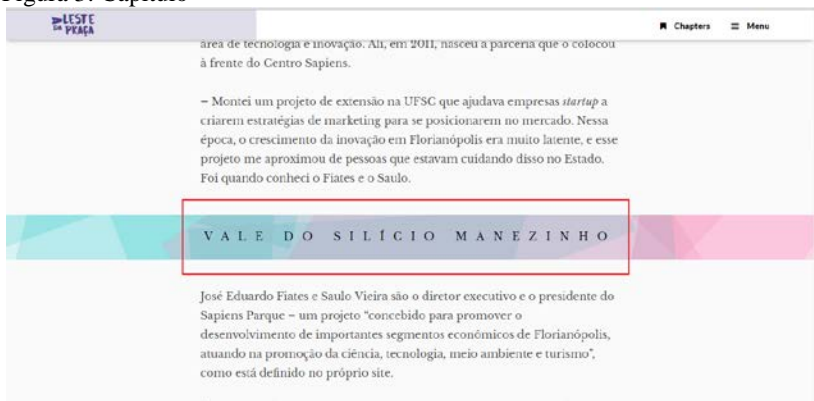
Figura 2: Coleção



- **Capítulo**

São divisões em cada parte da reportagem. Além de funcionarem como retrancas do texto, os capítulos também facilitam a navegação, como veremos mais adiante.

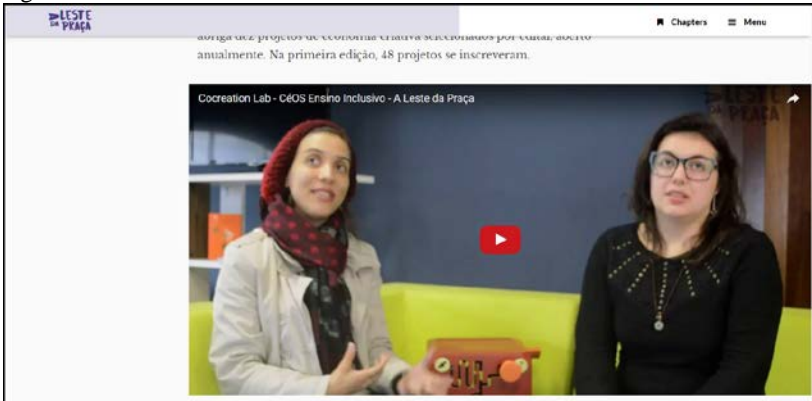
Figura 3: Capítulo



- **Vídeo**

Inserir vídeos no corpo do texto. A reportagem tem 5 vídeos - dois em “Centro Criativo” e três em “Para quem?” - , que são elemento de contextualização para o texto. Há bastante liberdade para o posicionamento e tamanho dos vídeos. Optei por dar bastante destaque a eles, porém sem “quebrar” totalmente a página, deixando um espaço em branco que sugere a continuidade. O posicionamento é intercalado ora à esquerda, ora à direita, para manter o equilíbrio visual.

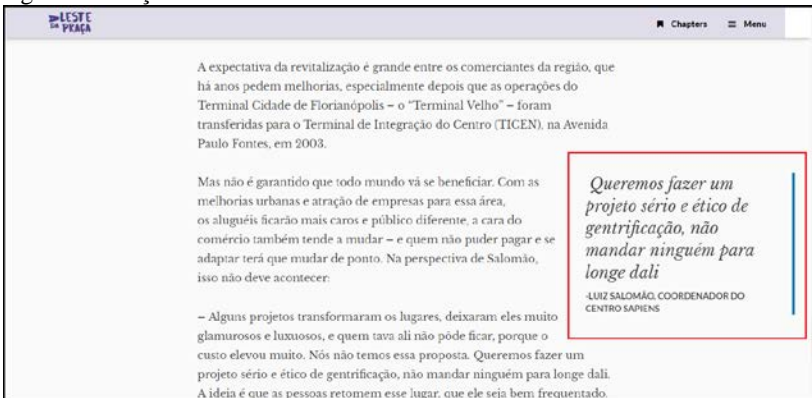
Figura 4: Vídeo



- **Citação**

Dá destaque para trechos de texto. Foi utilizado da forma tradicional, selecionando falas dos entrevistados para chamar a atenção sobre o assunto tratado. Aparece em todas as partes, exceto na Abertura. É possível selecionar três posicionamentos de citação: à esquerda, à direita e no centro. Optei por posicioná-las sempre à esquerda para manter a unidade visual.

Figura 5: Citação

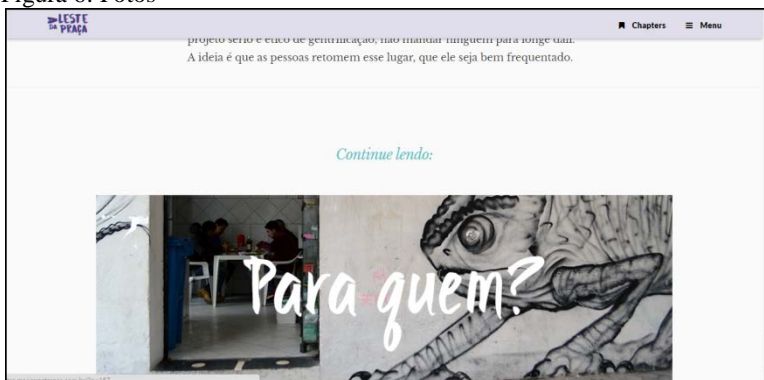


- **Fotos**

Insero fotos isoladas no corpo do texto. As fotos isoladas não foram muito utilizadas no corpo do texto porque o *plugin*, por padrão, redimensiona automaticamente as imagens, deixando-as

de um tamanho que considerei muito grandes e que prejudicariam a continuidade da leitura e unidade visual da reportagem. São utilizadas, no entanto, no fim das partes “Cidade Inovadora” e “Centro Criativo” como recurso de navegação, convidando o leitor a ler a parte seguinte.

Figura 6: Fotos



4.5.1 Navegação

A navegação é um elemento importante para que o usuário possa se localizar no site e continuar a leitura, encontrando facilmente as partes que integram a reportagem. Os recursos de navegação nativos do *template* são:

O menu inicial, localizado no cabeçalho, apresenta os links para todas as partes da reportagem:

Figura 7: Menu inicial



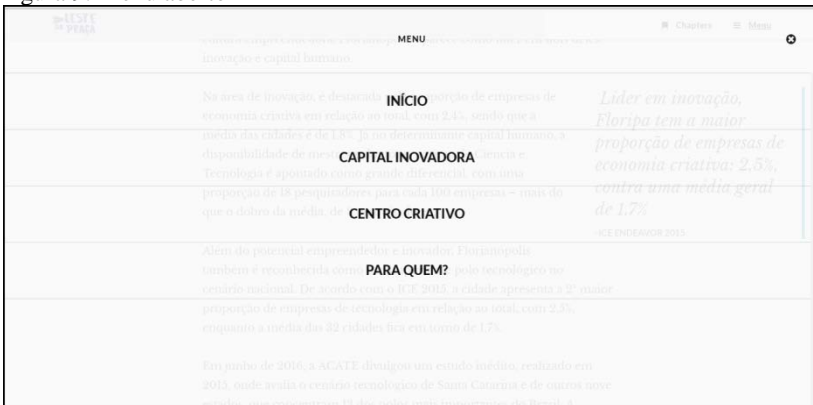
A medida que o usuário baixa a barra de *scrolling*, as opções mudam: o menu inicial é comprimido. Ao mesmo tempo aparece o ícone de capítulos.

Figura 8: Ícone de Menu e Capítulos



Quando clicados, os links para as partes aparecem:

Figura 9: Menu aberto



Conforme o usuário vai avançando na leitura, uma barra vai progredindo sobre o cabeçalho, indicando em qual ponto ele está:

Figura 9: Barra de progresso



Além dos elementos de navegação nativos, foram acrescentados ao fim de cada parte links que incentivam o leitor ir para a próxima parte, como apresentado anteriormente nos recursos “Fotos” e “Coleção”.

4.5.2 Design responsivo

Uma das grandes vantagens do Aesop Story Engine é o design responsivo, que se adapta automaticamente a diferentes tamanhos de telas, permitindo a leitura tanto em PCs quanto em *tablets* e *smartphones*. Como é possível observar na simulação para iPhone 6:

Figura 10: Design responsivo



5 RECURSOS

Todos os custos para execução deste trabalho foram pagos com recursos próprios. Além dos itens discriminados na tabela abaixo, foram utilizados um Notebook, uma Câmera Nikon D3200, um gravador de áudio digital, um HD externo, e softwares de edição de imagens que já foram adquiridos. Os gastos somam um valor total de R\$ 939,00.

Item	Valor
Microfone de Lapela	R\$179,00
Domínio do site (1 ano)	R\$ 30,00
Hospedagem do site (1 ano)	R\$ 330,00
Template para layout do site	R\$ 200,00
Ligações telefônicas	R\$ 50,00
Transporte	R\$ 150,00
Total	R\$ 939,00

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

A produção de uma reportagem para a *web*, em geral, envolve uma equipe que, além do repórter, inclui programadores e designers. A integração entre esses três profissionais é determinante para criar narrativas envolventes – um precisa entender a função, as possibilidades e as limitações do outro para que o processo criativo seja realmente proveitoso. Como, enquanto jornalista, eu poderia desenvolver a capacidade de me integrar a essas equipes e colaborar da melhor forma para todo o processo foi uma questão que me acompanhou em grande parte da graduação, muito motivada pelo meu interesse pelas três áreas.

O desafio maior que assumi na concepção deste Trabalho de Conclusão de Curso foi, então, o de pensar e trabalhar esses três elementos por conta própria. Desta forma, criaria o entendimento global da produção de uma Grande Reportagem Multimídia. Para isso, procurei, ao longo da apuração e redação, não perder de vista e nem negligenciar os elementos multimídia, a programação e o design da reportagem. É claro que essa foi a maior dificuldade – sou, afinal, apenas uma.

A apuração e coleta de material foram o maior problema. Primeiro por conta do atraso no cronograma, causado pela demora na pré-apuração e planejamento, necessária para dar conta da variedade de aspectos que eu deveria abordar na reportagem. Desenvolvimento econômico e urbano, cultura empreendedora, inovação, revitalizações e gentrificação eram todos assuntos com os quais eu tinha um contato muito tangencial, mas que me instigavam demais. Apaixonada pela temática de cidade, demorei a encontrar o rumo da narrativa, para delimitar, no meio de tanto, o que era o mais importante.

Depois, por causa de limitações técnicas. Eu tinha uma câmera em mãos, mas há muito tempo não fotografava ou filmava. Eu precisava fazer as entrevistas sozinha. Na urgência de realizá-las, gravei todos os vídeos sozinha, exceto o da Feira Viva a Cidade. Capturar e entrevistar ao mesmo tempo, além de prejudicar a qualidade da imagem, impossibilitou que eu conseguisse concretizar a ideia inicial para os vídeos de ambientar os locais.

Outro grande problema foi a conhecida falta de segurança na região do qual meu trabalho trata, e onde eu deveria fazer todas as imagens. Fiz uma tentativa de ir até lá sozinha em um sábado com a câmera, mas parei de fotografar no instante que percebi a atenção que estava chamando. Depois disso, fui até lá mais uma vez, na companhia

de uma amiga. Focamos em filmar a Feira Viva a Cidade e entrevistar o organizador.

As dificuldades de contatar as fontes e o próprio cronograma do Centro Sapiens, já mencionados anteriormente, acabaram por atrasar ainda mais o trabalho. Assim, na fase final, tive que contar com ajuda de uma amiga designer para editar os vídeos e fazer a identidade visual. Com mais experiência que eu em edição, ela conseguiu minimizar um pouco o problema na qualidade de imagem. Três vídeos foram editados por ela, dois por mim. O domínio da plataforma foi importante para conseguir montar o site com o prazo estourando. E ter a estrutura narrativa bem definida também ajudou.

Pensar e produzir uma Grande Reportagem Multimídia, enfrentando todas as limitações e obstáculos, contribuíram não só para entender o processo como um todo, mas também para reconhecer as possibilidades que o meio *online* oferece para contar uma história. Isso dá mais segurança para, a partir daqui, explorar, experimentar e - para usar uma palavra-chave dessa reportagem - inovar.

Apesar de todas as dificuldades, o interesse pelo tema foi crescendo ao longo da produção, e as conversas com as fontes e outras pessoas sobre o projeto me deram uma outra dimensão da importância de discutir a cidade - e também do papel do jornalismo nisso. Perceber a falta de informação de qualidade sobre as questões urbanas na mídia local e, ao mesmo tempo, o interesse demonstrado pelas pessoas em participar da construção de uma cidade melhor deu sentido ao meu trabalho.

7 REFERÊNCIAS

CANAVILHAS, João. A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web. In: REY, Paula Requeijo; PISONERO, Carmen Gaona. **Contenidos innovadores en la Universidad Actual**. Madrid: Mcgraw-hill Education, 2014. p. 119-129.

LONGHI, Raquel R. O *turning point* da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos – Comunicação, Mídia e Tecnologia**. v. 21, n. 3. Porto Alegre, 2014.

PERTILE, Krisciê; VIEIRA, Marcos Sardá. Espaço Público em Florianópolis: Vitalização ou Especulação Urbana? In: CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇOS PÚBLICOS, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais...**. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/019_D.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2016.

SOUZA JUNIOR, César. **Centro Sapiens Estimula Economia Criativa**. 2015. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina¬i=15238>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **Gentrificação: Espetacularização e distinção**. 99 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

VALENÇA, Márcio Moraes. Apresentação. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 16, n. 32, p.303-306, nov. 2014.

